

Kubrick com Foucault ou O Desvio do Panoptismo

Ivan Capeller¹

Resumo:

O panoptismo - um conceito fundamental para a compreensão da formação e do funcionamento das sociedades disciplinares ocidentais a partir dos séculos XVII-XVIII - apareceu em meados dos anos 70 nas análises empreendidas por Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, de um dispositivo carcerário setecentista então pouco estudado - o *panopticum* de Jeremy Bentham. Este artigo procede a uma releitura da teoria foucaultiana do panoptismo em que a crítica do dispositivo panóptico é retomada a partir do filme *A Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick, enfatizando metodologicamente a relevância da ficção-científica, como um gênero, na elaboração teórica das passagens e processos de transição que podemos observar entre as já conhecidas e estudadas formas disciplinares de sociedade e uma possível, ou suposta, sociedade porvir do controle.

Palavras-chave: panopticum; ficção-científica; controle.

Abstract:

Panopticism is a key concept for a better understanding on the functioning and shaping of the western disciplinary societies from the XVII-XVIIIth centuries on. It has appeared, in the midst of the seventies, in Michel Foucault's *Surveiller et Punir* analysis about what was at that time an almost obscure XVIIIth century prisional device - Jeremy Bentham's *panopticum*. This article rereads the foucauldian's panoptic theory through a critical perspective provided by the depiction of the panoptical device in Stanley Kubrick's film *A Clockwork Orange*, and puts its methodological emphasis in the relevance of science-fiction, as a genre, in the theoretical elaboration of the transition processes that we can nowadays observe between the well-known, already-studied, disciplinary forms of society and a possible, or alleged, controled society to-come.

Key-words: panopticum; science-fiction; control.

"Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle"

Gilles Deleuze²

Amarrado à poltrona da sala de cinema e imobilizado em uma camisa-de-força, o protagonista d'A *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick - um delinquente juvenil

¹ Atua como técnico de som direto de cinema e TV e é mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Imagem e Informação do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. E-mail: capellerivan@aol.com

² Deleuze, Gilles: *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*, in *Conversações*, ed.34, pg. 224.

encarcerado por latrocínio - está prestes a servir de cobaia em um tratamento correcional intensivo, o tratamento Ludovico. O tratamento baseia-se na projeção contínua de filmes pornográficos, "snuff movies" e velhos documentários alemães do período nazista, aliada à administração maciça de substâncias indutoras de uma insuportável náusea no paciente, condicionando-o gradativamente à repulsa diante de todo o tipo de situação que envolva sexo ou violência. Durante a projeção, dois enfermeiros pingam colírio incessantemente em seus olhos: para garantir a eficiência do tratamento eles devem ser mantidos permanentemente abertos com grampos que impedem o mínimo desvio de olhar das cenas exibidas na tela.

A violência social contra o indivíduo descrita através do tratamento Ludovico é um dos temas centrais deste filme, de 1971. Embora seu protagonista seja apresentado desde o plano inicial como um delinquente violento, cínico e incorrigível, os agentes da lei e da ordem responsáveis por seu confinamento e posterior tratamento não são menos criminosos: *A Laranja Mecânica* traça um quadro sombrio da sociedade de princípios do século XXI, um quadro em que a violência permeia todas as relações sociais, de alto a baixo. Como declara uma das primeiras vítimas do protagonista, um velho mendigo que aparece logo no início do filme, "*there's no law and order anymore!*". A referência ao nazismo tampouco é fortuita: a violência d'*A Laranja Mecânica* é conscientemente patrocinada pelo estado, de forma que o seu controle é também sua promoção.

Lançado há trinta e poucos anos como um filme de ficção científica, uma anti-utopia futurista altamente estilizada, *A Laranja Mecânica* provocou mesmo assim protestos e tumultos violentíssimos por parte do público e das autoridades, que se declaravam profundamente chocados com seu grau de...violência. A reação irracional da sociedade inglesa dos anos setenta ao filme já prenunciava no interior dessa eminente representante das sociedades disciplinares européias a sua própria falência - projetada na película para um futuro não muito distante em que, diante do agravamento deste processo falimentar das grandes instâncias sociais da disciplina (família, igreja, escola, etc...) o estado resolve patrocinar a emergência de técnicas "científicas" de administração social baseadas na automatização do controle comportamental em detrimento da introjeção de normas disciplinares de conduta. A extremada violência de técnicas como a descrita pelo filme talvez tenha sido o verdadeiro motivo para as reações que se seguiram, ocasionando a proibição do filme na Inglaterra e em vários outros países.

Embora a onipresença do controle social automatizado ocorra hoje em dia em escala muito mais abrangente - e ao mesmo tempo mais suave e "moralmente aceitável" do que o imaginado por Kubrick em *A Laranja Mecânica* - a relevância desse filme para a análise da passagem das sociedades disciplinares para uma sociedade do controle é inegável. Nesse sentido, a epígrafe de Gilles Deleuze acima citada talvez não esteja inteiramente correta. Considerando-se que a polêmica em torno do filme antecede em alguns anos a publicação na França da primeira edição do *Vigiar e Punir*³, podemos verificar uma curiosa correspondência visual entre o livro e o filme de Kubrick. Se tomarmos como exemplo a breve sucessão de planos aéreos em que Alex, o protagonista do filme, nos relata em off seu julgamento e sentença enquanto a câmera sobrevoa a prisão na qual ele será encarcerado, poderemos constatar que a construção escolhida por Kubrick para a filmagem é uma versão do *panopticum* de Bentham - o mesmo dispositivo arquitetônico extensamente analisado por Michel Foucault em seu clássico estudo sobre o nascimento da prisão⁴.

Não pretendemos aqui, no entanto, considerar o filme como um simples reflexo imaginário do livro - como se a chave para entendermos Kubrick fosse a leitura de Foucault - até porque é o filme que antecede o livro em vários aspectos, que não podem ser reduzidos à mera cronologia. Entre o *panopticum* de Foucault e o de Kubrick há muitas semelhanças descritivas, e duas diferenças fundamentais:

A primeira diferença se refere ao reconhecimento do *panopticum* como um mecanismo realmente eficaz para a disciplinarização e o controle sociais. Para Foucault, "o *panopticum* é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos os mais diferentes, fabrica efeitos homogêneos de poder⁵". Foucault enfatiza a relativa indiferença com que o *panopticum* havia sido recebido em sua época (devido ao seu caráter utópico ou à sua suposta impossibilidade prática⁶) para revalorizar o panoptismo enquanto um dispositivo tecnológico de controle mais genérico e abrangente, um esquema "destinado a se difundir no corpo social, e que tem por vocação tornar-se uma função generalizada."⁷ Extraí do *panopticum* enquanto dispositivo arquitetônico o princípio geral do panoptismo: "fazer funcionar as relações de poder em uma função, e uma

³ Foucault, Michel: *Surveiller et Punir - Naissance de la Prison*, éd. Gallimard, 1975. As citações desse texto foram traduzidas para o português pelo autor.

⁴ Ver especialmente a reprodução de uma fotografia aérea da *Prison de la Petite Roquette* na primeira edição de *Surveiller et Punir* já citada. Trata-se da ilustração de nº 24 da referida edição.

⁵ Idem, pg. 204.

⁶"(...) ao lado das indústrias siderúrgicas, da química nascente, dos métodos de contabilidade nacional, ao lado dos altos-fornos ou da máquina à vapor, o panoptismo foi pouco celebrado." Op. cit., pg.226.

⁷ Idem, pg. 209.

função através dessas relações de poder"⁸. O panoptismo se difunde portanto de maneira concomitante à disseminação social dos mecanismos disciplinares, e expressa enfim o seu "*mecanismo indefinidamente generalizável*"⁹.

Ora, no filme de Kubrick, essa eficácia está comprometida de antemão com o seu próprio fracasso como o demonstra cnicamente o personagem Mr. Deltoid - um funcionário da assistência social que tem por função "evitar" que o protagonista seja preso, isto é, que deixe de ser apenas um delinqüente para se transformar num criminoso condenado.

A *Laranja Mecânica* apresenta a imagem inversa de uma típica sociedade disciplinar. O espaço doméstico da família é idiotizado e reduzido à impotência, o convívio social é permeado pela violência e pela insegurança generalizada e o espaço público destinado ao exercício da lei é transformado no lugar da perversão e do arbítrio. Suas estruturas e mecanismos de coerção são rigorosamente os mesmos, só que não funcionam mais e devem ser rapidamente suplantados por métodos científicos de controle do comportamento: "*Common criminals like these are better dealt with on a purely curative basis; kill their criminal reflex - that's all!*" alega o Ministro do Interior em um determinado momento do filme.

A ficção científica d'A *Laranja mecânica* antecipa-se ao pensamento filosófico quando pensa as primeiras tentativas de automatização do controle do corpo humano a partir dos impasses e contradições de uma sociedade baseada em rígidos regimes disciplinares. A história do tratamento Ludovico é a história de uma tentativa falhada de superação "mecânica" de uma crise social, um processo em que a substituição dos princípios disciplinares de punição e encarceramento por técnicas "científicas" de controle comportamental pode ser considerada como um prolongamento ou expansão dos dispositivos panópticos já existentes por um lado, mas também - e principalmente - como uma tentativa fracassada de superação definitiva do panoptismo enquanto mecanismo genérico de regulação disciplinar.

Se o fracasso final do tratamento Ludovico enquanto mecanismo de controle social demonstra ainda uma última vez a sua pertença essencial ao regime panóptico do olhar, a sua aposta "terapêutica" nos poderes "pavlovianos" da representação cinematográfica marca em definitivo, por outro lado, a segunda grande diferença a ser

⁸ Idem, pg. 208.

⁹ Idem, pg. 217.

estabelecida entre o panóptico de Kubrick e o de Foucault, uma diferença que deve ser determinada no campo específico do olhar e de suas atribuições dentro do panoptismo.

Foucault, em consonância com sua ênfase na eficiência do *panopticum* como um dispositivo de controle social, considera a vigilância como a função privilegiada do olhar panóptico. A dissociação entre o ver e o ser visto será tecnicamente planejada e disponibilizada para a produção individualizada de efeitos de visão: " *O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem a observação contínua e o reconhecimento imediato(...) A iluminação e o olhar vigilante revelam mais do que a sombra, que afinal protege. A visibilidade é uma armadilha. (...) Daí, o efeito maior do Panopticum: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegure o funcionamento automático do poder. Garantir a permanência dos efeitos da vigilância, mesmo que esta seja descontínua em sua ação.*"¹⁰

Para Foucault, a eficácia do olhar é a garantia da eficácia do poder. Definindo o *panopticum* como " *a fórmula abstrata de uma tecnologia bem real, a dos indivíduos*"¹¹, Foucault leva a associação do olhar e do poder às suas últimas consequências: trata-se da onipotência de um olhar tecnicamente disponibilizado para o controle social - **mas trata-se sobretudo de um olhar legislador, um olhar constituinte de seus sujeitos enquanto tais**. Esse olhar é capaz de dispensar a necessidade de mecanismos de repressão violenta dos indivíduos, já que a própria existência subjetiva destes últimos - assim como o imaginário que povoa as suas mentes - pode ser considerada como um produto desse olhar: " *A bela totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social; o indivíduo é que é por ela cuidadosamente fabricado, segundo toda uma tática das forças e dos corpos.*"¹² O panoptismo busca portanto o controle total e imediato dos corpos humanos e de sua circulação espacial, mas também das condições concretas e objetivas de auto-reprodução da subjetividade. É por isto que o *panopticum* deve instaurar a dissociação constitutiva do ver e do ser visto:

- De um lado, o objeto do olhar panóptico deve ser totalmente analisado, esquadrihado e redefinido por seu intermédio - sujeitando-se assim às funções disciplinares que devem reconfigurá-lo. Para Foucault, estamos todos " *dentro da*

¹⁰ Idem, pg. 202.

¹¹ Idem, pg. 226.

¹² Idem, pg. 218/19.

máquina panóptica, investidos por efeitos de poder que nós mesmos passamos adiante, já que somos parte de sua engrenagem."¹³

- Por outro, o sujeito do olhar panóptico será sempre o próprio poder - entendido aqui não como uma instância isolada do corpo social que deve ser ideologicamente representada, reconhecida e prestigiada, como na Antiguidade - mas como uma força social dinâmica que se dissemina e multiplica por todos os setores da vida a partir de seus dispositivos disciplinares e mecanismos de controle.

A circularidade sem falhas que o *panopticum* possibilita entre sujeito e objeto é um verdadeiro "*ovo de Colombo na ordem do político*"¹⁴. A aposta de Foucault na eficácia do *panopticum* pressupõe assim a transparência absoluta e instantânea de um olhar onipresente que assegure a re-produção direta da vida e do mundo humanos no interior do seu dispositivo.

Tanto a repressão física dos corpos como a representação ideológica dos conflitos sociais revelam-se insuficientes para a compreensão do poder disciplinar. Criticando a idéia de uma sociedade do espetáculo¹⁵, Foucault contesta as concepções do poder que o descrevem em termos de um aparato estatal meramente repressivo ou cerceador da liberdade, aparato que se faria acompanhar por uma série de representações imaginárias destinadas fundamentalmente à justificação ideológica de suas políticas, ou mesmo de sua própria existência. Para Foucault, a representação ideológica é um mecanismo de poder importante para as culturas pré-modernas "antigas" baseadas no espetáculo público; este deve "*tornar acessível a uma multidão de homens a inspeção de um pequeno número de objetos*"¹⁶. Nossas modernas sociedades disciplinares seriam, porém, sociedades da vigilância baseadas em princípio inverso, o de "*proporcionar a um pequeno número, ou mesmo a um só, a visão instantânea de uma grande multidão*"¹⁷. As formas pré-modernas do poder representavam-se no campo do visível, do espetáculo público, para submeter-se à inspeção do olhar popular; já as formas de poder moderno ou disciplinar controlam o campo do visível controlando diretamente o olhar. Há duas questões relacionadas aqui:

¹³ Idem, pg. 219.

¹⁴ Idem, pg. 208.

¹⁵ "*Nossa sociedade não é a sociedade do espetáculo, mas da vigilância*". Idem, pg.218.

¹⁶ Foucault, Michel: *Surveiller et Punir - Naisance de la Prison*, éd. Gallimard, 1975, pg. 218.

¹⁷ Idem, pg. 215.

- Por um lado, Foucault procura ultrapassar, através da análise do panoptismo enquanto dispositivo social disciplinar, a concepção de poder herdada por Althusser¹⁸ do marxismo, uma concepção que o concentrava nas mãos do aparelho repressivo do estado enquanto representante das classes dominantes;

- E por outro, analisa o panoptismo enquanto uma nova tecno-lógica do olhar, questionando a importância central da representação ideológica para a reprodução social do poder. Não por acaso, o imaginário de *Vigiar e Punir* é deliberadamente pobre, preferindo o esquema e o diagrama à ilustração figurativa.

Se a questão da eficácia relativa do *panopticum* já nos indicava como pouco provável a convergência entre o filme e o livro, as diferenças que podemos encontrar entre as suas respectivas concepções de olhar o demonstram de forma ainda mais clara. *A Laranja Mecânica* apresenta o mesmo olhar onipresente e legislador, hierarquizante e centralizador, só que a partir de um ligeiro desvio: trata-se aqui de "uma transparência que se degrada em panoptismo"¹⁹ para revelar-se enquanto olhar perverso e deformante. Os efeitos do panóptico sobre o ser humano encontram-se aqui distantes da transparência silenciosa e asséptica com que geralmente são associados, provocando exatamente a reação oposta à esperada - uma opacidade ou desvio constitutivos do sujeito em suas relações com o dispositivo do olhar.

Para Kubrick, uma sociedade disciplinar baseada no *panopticum* só pode conceber o sujeito como um desvio ou refração de sua própria transparência ideal, como um monstro. A interpretação quase caricatural extraída dos atores expressa eloqüentemente a deformação reativa que afeta o caráter de todos os personagens do filme, sem exceção. Enquanto Foucault descreve o *panopticum* como uma máquina de produção direta de subjetividade, Kubrick considera esta última como um processo desviante de resistência em relação à máquina, introduzindo uma falha no dispositivo panóptico - falha que só poderá ser controlada pela administração "medicinal" forçada de doses controladas de representação cinematográfica, o tratamento Ludovico. Se o *panopticum* de Foucault dispensa a representação como um mecanismo de poder, o

¹⁸ Althusser, Louis: *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Editorial Presença, 1980. Entre as concepções de poder de Althusser e Foucault há uma relação curiosamente paralela com as concepções de Orwell e Huxley em suas anti-utopias clássicas: de *1984* ao *Admirável Mundo Novo* verificamos a mesma passagem de uma concepção negativo-repressiva do poder a uma visão do poder enquanto força social produtiva que investe biopoliticamente a própria constituição íntima de seus cidadãos.

¹⁹ Devo esta feliz expressão a Rouanet, Sérgio Paulo: *O Olhar Iluminista*, in *O Olhar* (org. Adauto Novaes), Ed. Companhia das letras, São Paulo, 1988, pg. 140.

tratamento de Kubrick vai utilizá-la como um instrumento de controle, revertendo a operação foucaultiana ao demonstrar que a representação também pode ser considerada como um método de cura adequado aos problemas de circulação que aparecem vez por outra nas engrenagens do *panopticum*. O tratamento Ludovico seria assim uma espécie de panóptico invertido, submetendo mecanicamente o olhar à representação através de grampos de segurança que devem impedir qualquer ato reflexo de recusa, qualquer piscadela ou desvio material da atenção. N'A *Laranja Mecânica* o desvio do panoptismo manifesta-se antes de tudo como um desvio do olhar.

Mas a simples consideração da necessidade de submissão do olhar desviante à representação que faz de si mesmo o poder ainda pertence ao "antigo regime" escópico da sociedade do espetáculo, baseado na sujeição ideológica indireta e "voluntária" dos indivíduos. O tratamento Ludovico visa a sujeição direta e automática, involuntária, do indivíduo desviante através de seu condicionamento corporal; inscreve-se assim no moderno regime escópico do *panopticum* precisamente como um mecanismo automatizante de controle destinado à prevenção das falhas de funcionamento da sociedade disciplinar. Na medida em que tais falhas situam-se precisamente na suposição inerente ao pensamento panóptico de uma transparência total do processo social de reprodução da existência humana, verifica-se pela primeira vez com o tratamento Ludovico uma nova possibilidade de utilização política da representação - possibilidade que não se refere mais às suas propriedades ideológicas de simbolizar (transparecer...) a existência enquanto um todo harmônico imaginariamente vivenciável pelo sujeito/espectador que deve aderir então ao poder identificando-se com ele, sujeitando-se a ele - mas que procura controlar diretamente o corpo do sujeito desviante através de sua exposição brutal à face reversa da representação, à materialidade opaca que lhe dá suporte.

Ao invés de subordinar-se integralmente ao "*regard sans visage*"²⁰ característico do *panopticum*, a representação cinematográfica contrapõe-se aqui à transparência imaginária do olhar para devolver-lhe, como o real de sua face, a opacidade inquietante que reside em seu fundo. Esta inquietação do olhar permeia o filme de Kubrick e seus personagens logo a partir de seu primeiro plano, submetendo o espectador à estranha visão de um rosto - o rosto do protagonista - que parece fitar-nos, que nos devolve o seu

²⁰ Foucault, Michel: *Surveiller et Punir - Naissance de la Prison*, éd. Gallimard, 1975, pg. 215.

olhar perturbador. Mas a estranheza que se deixa perceber por este olhar não tem nada de subjetivo, não está apenas sugerida ou representada pelo ator; está concretamente materializada, e devidamente realçada pela angulação ligeiramente superior do enquadramento, no olho direito do personagem e em seus longos cílios postíços inferiores. A irredutibilidade material do olho à reprodução social do olhar é trabalhada ostensivamente por Kubrick através deste tratamento visual: o olho aparece como uma mancha ou ponto cego que parece recusar-se a se inscrever completamente no quadro, uma espécie de "foco opaco" da imagem que resiste à força simbólica do olhar²¹. Reduzir e controlar este foco ou desvio através da representação cinematográfica é o objetivo do tratamento Ludovico e de seus grampos. O olhar disciplinador que informa o dispositivo deve portanto confrontar-se permanentemente com ameaças ao seu bom funcionamento, à sua reprodução, e recorre assim à imagem cinematográfica como um instrumento de correção material do olho - de uma reprodução direta do olhar através da imagem que supera/suprime a necessidade de identificação imaginária de um espectador "voluntário" com os conteúdos ideológicos da representação.

O fracasso deste tratamento é justamente o tema central de Kubrick. A solução proposta por *A Laranja Mecânica* para os problemas do *panopticum* recoloca a necessidade da representação cinematográfica para o controle do olhar de uma forma propositalmente grotesca, pois o olhar aqui não representa mais a lei e a ordem sociais, carregando, ao contrário, o seu exato reverso na forma do crime e da desordem. Se o panoptismo realmente condena a representação a uma função residual na reprodução social do olhar, para Kubrick a função da representação cinematográfica na sociedade de controle é justamente a de se constituir em lixo imaginário, em fragmentos de seqüências *porn* ou *snuff* ou *hard*, em resto visual produzido "em direto", necessariamente parcial e incompleto mas incessantemente veiculado por todos os meios e dispositivos panópticos para que se impeça qualquer possibilidade de desvio do olhar. A passagem da disciplina ao controle se realiza assim como abjeção do olhar e redução da representação.

²¹ Neste sentido devemos talvez louvar o trabalho dos censores brasileiros d'*A Laranja Mecânica* ao determinarem que as cópias brasileiras do filme fossem acrescidas de bolas pretas que cobririam a nudez das atrizes quando necessário; o fato de que estas "bolas" corriam atrás das imagens do filme em suas primeiras exibições no Brasil adiciona uma caráter um tanto quanto irônico à questão da mancha na imagem e, mais especificamente, a deste filme enquanto "mancha" da indústria cinematográfica.

A instantaneidade eletrônica que o sinal digital nos oferece hoje em dia parece confirmar o filme de Kubrick no sentido de uma superação das categorias de olhar e de representação ao pensarmos o controle social, pois este é capaz de substituir integralmente a vigilância ótica (sempre dependente de um sujeito do olhar) através de uma difusa sensibilidade háptica - capaz de perceber e identificar qualquer partícula em movimento. O código de barras que identifica as mercadorias e permite controlar a sua circulação é certamente o exemplo mais eloquente destes novos mecanismos de controle, infinitamente superiores ao tratamento Ludovico em termos de eficácia social e "suavidade política". Os "pardais" instalados nas estradas brasileiras para o controle de velocidade dos automóveis e a onda dos cartões magnéticos de crédito bancário são outros tantos exemplos. Mas esta pretensa superação do olhar e da representação não pode ser considerada de maneira acrítica como um simples fator descritivo da sociedade de controle, pois esses mecanismos - ao dispensar o poder político não só da necessidade espetacular da representação como também da necessidade disciplinar do olhar - configuram uma nova lei social que se baseia muito mais em um desvio nas funções do olhar e da representação do que em sua supressão. É nesta pequena diferença entre a supressão e o desvio que reside a ideologia da sociedade de controle, uma ideologia baseada na suposta eficácia da técnica.

Podemos enfim definir a dicotomia Foucault/Kubrick aqui proposta em relação ao panoptismo exatamente através desta diferença: a análise de Foucault (assim como a de Deleuze) aponta para a dupla supressão da representação através do olhar (sociedades disciplinares) e do olhar através da máquina (sociedade de controle). O filme de Kubrick abre-nos o caminho para pensar esta passagem das sociedades disciplinares à sociedade de controle como um desvio do olhar e da representação que tende à sua supressão sem jamais realizá-la totalmente. Talvez seja este o sentido do último plano d'A *Laranja Mecânica* - um plano de caráter evidentemente alegórico em que vemos Alex, o ex-paciente do tratamento Ludovico, praticando sexo selvagem com uma moça enquanto uma platéia de burgueses vestidos à maneira vitoriana aplaudem polidamente; sobre esta imagem escutamos a voz em *off* de Alex que exclama ironicamente: "*I was really cured!*". Aqui a sociedade de controle desvia o olhar disciplinar da era vitoriana à impotência residual de um mero objeto e reduz sua representação à condição de simples alegoria.

Há portanto dois aspectos que devemos ressaltar ao considerarmos os mecanismos da sociedade de controle a partir da noção de desvio:

- de um lado, o deslocamento gradativo do olhar de sua posição simbólica central como sujeito da representação imaginária para uma condição periférica e marginal de objeto ou mancha da imagem representada, assunto de nossa próxima seção;
- do outro, a redução gradativa da representação às suas condições mínimas de reprodutibilidade, redução esta que não logra nunca atingir, no entanto, a sua supressão total. Abordaremos mais detidamente essa questão em nossa terceira e última seção.

Consideraremos agora o primeiro aspecto através de uma dupla inversão em nossa parceria do cinema com o pensamento teórico: pois, se o cinema dos anos 70 encarava o *panopticum* como uma idéia política extremamente séria e perigosa, e de abordagem até mesmo traumática, verificamos que o olhar panóptico popularizado pelo cinema de sci-fi da atualidade procura banalizá-lo e incorporá-lo ao cotidiano da sociedade de controle como algo absolutamente normal e seguro. Por outro lado, se a especulação filosófica daquela época descreveu os dispositivos panópticos em termos de eficácia simbólica e domínio social, acreditamos que a mais recente teorização cinematográfica sobre o olhar pode apoiar-se no pensamento psicanalítico para entender o *panopticum* como um dispositivo placebo que acaba por se revelar, mais cedo ou mais tarde, em sua cegueira fundamental.